

## **“Estrela no Abismo”:** a política nietzscheana de **Novo Aeon** no confronto de Raul Seixas Com a ditadura civil-militar

*Helcio Herbert Neto<sup>1</sup>*

**Resumo:** Trabalhos de caráter jornalístico e memorialístico indicam que o músico brasileiro Raul Seixas foi um leitor atento da obra do autor alemão Friedrich Nietzsche. O intuito desta pesquisa é identificar, a partir da relação entre o livro *Ecce Homo* do escritor europeu e o disco *Novo Aeon* do compositor latino-americano, a relação entre a filosofia política nietzscheana e a poética contestatória do cantor baiano. O lançamento do álbum foi acompanhado de perto pela ditadura civil-militar e suas faixas explicitam o ambiente de repressão no Brasil na década de 1970.

**Palavras-chave:** Raul Seixas. Nietzsche. Novo Aeon. Ecce Homo. Ditadura civil-militar.

---

<sup>1</sup> É o autor dos livros "Palavras em Jogo" (Dialética, 2024) e "Conte comigo: Flamengo e Democracia" (Ludopédio, 2022). Doutor em História Comparada (UFRJ) e mestre em Comunicação (UFF), é formado em Filosofia (UERJ) e Jornalismo (UFRJ). Foi selecionado pelo edital de Apoio à Fixação de Jovens Doutores no Brasil (Faperj/CNPq) e atualmente desenvolve pesquisas sobre cultura popular em âmbito de pós-doutorado no Departamento de Estudos Culturais e Mídia (IACS-UFF). Este estudo foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e pela FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI -260003/005791/2022.

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

## **“Star in Abyss”: nietzschean politics on *Novo Aeon* for a struggle of Raul Seixas against the civil- militar dictatorship**

**Abstract:** Journalistics and memorialistics publications show that the Brazilian musician Raul Seixas was a reader of Friedrich Nietzsche. The aim of this article is to identify, from the relationship between the book *Ecce Homo* and the album *Novo Aeon*, the relationship between Nietzschean political philosophy and the singer contestatory poetics. The release of the disc was closely followed by the Military Dictatorship and it explains the repression in Brazil in the decade of 1970.

**Keywords:** Raul Seixas. Nietzsche. Novo Aeon. Ecce Homo. Civil-militar dictatorship

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

## **“Estrella en el abismo”: la política nietzscheana de *Novo Aeon* en el enfrentamiento de Raul Seixas a la dictadura civil-militar**

**Resúmen:** Obras de carácter periodístico y memorialístico indican que el músico brasileño Raul Seixas fue un atento lector del autor alemán Friedrich Nietzsche. El objetivo de esta investigación es identificar, a partir de la relación entre el libro *Ecce Homo* del escritor europeo y el álbum *Novo Aeon* del compositor latinoamericano, la relación entre la filosofía política de Nietzsche y la poética contestataria del cantante baiano. El lanzamiento del álbum fue seguido de cerca por la dictadura cívico-militar y sus temas hacen explícito el ambiente de represión en Brasil en la década de 1970.

**Palabras clave:** Raul Seixas. Nietzsche. Novo Aeon. Ecce Homo. Dictadura civil-militar

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

*“Oh, grande força energética você é.  
Não sabe o que gosta e o que não  
gosta. Você está em guerra ferrenha,  
Raul!”*

O cantor e compositor baiano Raul Seixas (1945 - 1989) descreve o intenso conflito com que convivia no ano do lançamento do disco *Novo Aeon* no trecho acima. Escrito em 1975, o fragmento consta em uma publicação póstuma com anotações do músico e explica o ambiente em que estava naquele momento. A tensão que fazia parte da realidade brasileira àquela altura tinha relação com a profunda repressão que a ditadura civil-militar (1964 - 1985) deflagrou no Brasil<sup>II</sup>. Em contrapartida, a maneira pela qual o músico agiu para lidar com a perseguição oferece indicações sobre a estratégia política de Raul Seixas no período. Já houve esforços para identificar o seu contato com o pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 - 1900) em outros trabalhos<sup>III</sup>.

O fato de o pensamento nietzscheano partir do pressuposto de que a vida do autor é um aspecto constituinte da obra – evidenciado pelo livro *Ecce Homo*<sup>IV</sup>, publicado inicialmente em 1908 – exige que os entrecruzamentos da filosofia do autor europeu e as canções do músico brasileiro sejam examinadas com ainda mais atenção. A contemporaneidade do pensamento nietzscheano, evidenciada por suas imbricações com a cultura e com a história, é um tópico latente<sup>V</sup>. A despeito de um aparente distanciamento, a relação do filósofo com tradições populares brasileiras do século XX também já foi reexaminada<sup>VI</sup>.

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

Este artigo tem o propósito de investigar, a partir de *Novo Aeon* e de *Ecce Homo*, as aproximações políticas do que foi produzido pelo cantor e compositor e pelo filósofo. Um elemento fundamental é o modo como os dois entendem a relação das obras com seus respectivos autores: não ocorre uma dissociação daquele que pensa, executa e torna público um trabalho – seja filosófico, seja musical –, nem em um, nem em outro. Se comentadores enxergam na trajetória pessoal do escritor alemão uma dimensão basilar para o entendimento de seu pensamento<sup>vii</sup>, pesquisas acadêmicas ou de caráter biográfico identificam a confluência entre as propostas do músico brasileiro e sua própria vida<sup>viii</sup>.

Medeiros aponta a influência nietzscheana, principalmente no ano de 1975<sup>x</sup>, e até a presença de obras do autor na biblioteca da família Seixas em Salvador<sup>x</sup>. Antes, havia sido identificada a circulação que circulavam, no grupo de convivência do escritor Paulo Coelho – principal parceiro do músico nas composições do início dos anos 1970 –, de textos de Nietzsche<sup>xi</sup>. É conhecido, por outro lado, o interesse por música do filósofo. Entre o estudo sobre a tragédia grega, sob a influência de Richard Wagner<sup>xii</sup>, e o trabalho acerca da trajetória de Zaratustra<sup>xiii</sup>, a aproximação com o tema apresentou variações. As finalidades dos estudos também mudaram. Há comentadores que se dedicam, sobretudo, às consequências filosóficas nessa disposição musical<sup>xiv</sup>.

O empenho para colocar em relação dois autores de diferentes contextos se insere em um conjunto de estudos para estabelecer correspondências, atravessamentos e derivações do pensamento social na

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

cultura popular<sup>xv</sup>, em especial no contexto brasileiro no século XX. Com o intuito de analisar essas conexões, a aproximação se dará por meio da abordagem comparativa inserida no amplo horizonte da História. Este trabalho também se ampara nos procedimentos historiográficos utilizados por Napolitano, tão importantes para os historiadores que se debruçam sobre o cancionário nacional<sup>xvi</sup>. Além das canções do músico e dos livros do escritor, serão consultados também registros memorialísticos, jornalísticos e autobiográficos sobre episódios da ditadura, assim como obras acadêmicas sobre o tema.

A discussão será subdividida em três itens. No primeiro, a intenção será esmiuçar o que é chamado aqui de abordagem política em Nietzsche. Para tanto, a avaliação que o autor faz da própria obra será exposta, com base na leitura de *Ecce Homo*. Em seguida, o intuito é se aprofundar na maneira pela qual, em *Novo Aeon*, a confrontação política vem à tona. Terceiro disco de estúdio da carreira solo do músico, o álbum suscita um diálogo com a conjuntura política em que está inserido. É sobre a forma como Raul Seixas lidou com essas condições em seu tempo de que trata a terceira parte. Então, o objetivo é lançar luz sobre os aspectos da trajetória musical do cantor que sugerem implicações dessa perspectiva de atuação política. A música, como não poderia deixar de ser, desempenha função relevante na última seção, que reúne as considerações finais.

**“Sou dinamite”: Uma política de Nietzsche em *Ecce Homo***

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

É em *Ecce Homo – Como Alguém se Torna o que é* que o pensamento nietzscheano explora de forma mais efetiva as confluências entre trajetória pessoal e produção filosófica. No texto, são avaliados os trabalhos até então publicados pelo filósofo. Nietzsche encaminha uma reflexão sobre o que havia construído até aquele ponto em sua biografia, sem dissociar sua conduta de sua filosofia. Isso impõe desdobramentos políticos significativos. O fragmento número 9, responsável por concluir o livro, é emblemático. A partir da rubrica com que termina o texto, Nietzsche evidencia o tom de confronto que atravessa sua obra: “– Fui compreendido? – Dionísio contra o Crucificado...”<sup>xvii</sup>. O excerto induz ao questionamento sobre o papel que a dimensão da oposição, representada pelas referências ao deus das bacantes e ao cristianismo, desempenha no pensamento do filósofo.

Em *Ecce Homo*, o horizonte traçado é de ruptura: “A noção de política estará então completamente dissolvida em uma guerra dos espíritos, todas as formações de poder da velha sociedade terão explodido pelos ares”<sup>xviii</sup>. Nietzsche se dedica a explicar por que haverá essa grande alteração no panorama na última seção do livro, “Por que sou um destino”<sup>xix</sup>. A oposição entre duas perspectivas diferentes é importante para o entendimento da estratégia que constitui o livro. O ponto de partida é a crítica da tradição filosófica acerca da moral: “Todos se baseiam inteiramente na mentira: haverá guerras como ainda não houve sobre a Terra. Somente a partir de mim haverá *grande política*.”<sup>xx</sup>.

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

O objetivo passa a ser caracterizar o grande erro em que o pensamento ocidental incorreu. “O fato ‘eu pereço’ traduzido no imperativo: ‘*todos devem perecer*’ – e *não* só no imperativo... Essa única moral até aqui foi ensinada, a moral da renúncia de si, trai uma vontade de fim, *nega* em seus fundamentos a vida”<sup>xxi</sup>. A partir da negação das condições em que a vida prospera, a defesa dessa moralidade invadiu a filosofia e inviabilizou até a possibilidade de pensar livremente, de acordo com o autor. Essa inclinação que se opõe à afirmação de si é denominada decadência, classificação necessária para a compreensão da contraposição estipulada pelo filósofo. “Estaria a humanidade mesma em *décadence*? Sempre esteve – Certo é que lhe ensinaram sempre os valores de *décadence* como os valores supremos. A moral da renúncia de si é a moral de declínio *par excellence*”<sup>xxii</sup>.

Nessa aproximação com a política, a decadência está relacionada com a ética cristã e com todas as consequências geradas para a filosofia. “O que me separa, o que põe à parte de todo o resto da humanidade, é haver *descoberto* a moral cristã. Para isso era-me necessária uma palavra que mantivesse o sentido de um desafio a cada homem.”<sup>xxiii</sup> Isso será reforçado, como já foi visto, pelo último aforismo do livro, em que Nietzsche contrapõe as figuras de Dionísio, divindade da mitologia grega que carrega amplas significações no entendimento do autor sobre o dionisíaco desde alguns de seus primeiros trabalhos; e o Crucificado, referência a Jesus Cristo por meio da maneira pela qual a Bíblia descreve a sua morte.



“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

A perspicácia do pensamento nietzscheano, então, seria a de se atentar para as múltiplas implicações da cristandade, ainda pouco exploradas, presentes nesse legado filosófico, muito influente no fim do século XIX. Trata-se do período em que se concentra a produção de Nietzsche. “Não haver antes aberto os olhos para isso parece-me a grande impureza que a humanidade tem na consciência, como automistificação tomada por instinto, como radical vontade de não enxergar nenhum acontecimento, nenhuma causalidade<sup>xxiv</sup>”. Portanto, uma das dimensões em confronto na discussão elaborada pelo autor é a própria tradição filosófica da decadência. É necessário, por ora, concentrar esforços para delinear o que antagonizaria com essa herança do pensamento ocidental.

O próprio título atribuído pelo autor à seção em que o debate se insere sugere o que comporia essa oposição: é Nietzsche quem se apresenta como o oponente de toda essa moral decadente. Vale destacar que o destino não é a filosofia nietzscheana, algum conceito específico apresentado ao longo de sua produção ou determinado livro publicado. Quem oferece um sentido para essa oposição, segundo o enunciado, é o filósofo, o que inspira um questionamento acerca da importância da trajetória pessoal. Em outra passagem, o autor oferece mais indício: “Não sou um homem, sou dinamite. E com tudo isso não tenho nada a ver com religião<sup>xxv</sup>”.

Além de traçar um panorama disruptivo para a política, a figura de linguagem usada também representa o intuito de implodir as reminiscências da cristandade. “Um dia, meu nome será ligado à

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

lembrança de algo tremendo – de uma crise como jamais houve sobre a Terra, da mais profunda colisão de consciências, de uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, requerido<sup>xxvi</sup>. O prenúncio dessa situação decisiva é, simultaneamente, a declaração de uma inédita forma de política. É permitido supor que a nova maneira de tratar o tema parte sobretudo da afirmação de si durante tais disputas, ato tão ofuscado pela moral cristã e pela imposição sistemática de uma postura decadente.

A oposição entre a dimensão moral, presente no pensamento ocidental, e a assertividade de Nietzsche, em sua plataforma política, enseja uma transformação completa, que tem em seu cenário a possibilidade de erradicar até esse antagonismo por meio do que o autor chama de transvaloração de todos os valores, como fica claro no seguinte fragmento: “Mas a minha verdade é terrível: pois até agora chamou-se a mentira de verdade. – Transvaloração de todos os valores: eis a minha fórmula para um ato de suprema autognose da humanidade, que em mim se fez gênio e carne<sup>xxvii</sup>”. Logo, a transformação seria representada tanto pela produção intelectual do filósofo (“gênio”), quanto pela sua própria vida (“carne”). Há, em Nietzsche, o interesse de esculpir, com ainda mais nitidez, o que está em jogo nessa oposição. Com a afirmação de si e a superação da moral da decadência, as referências de bondade se esvairiam. Esse seria o resultado da transvaloração mencionada acima: “Não esconde que *seu* tipo de homem, um tipo relativamente sobre-humano, é sobre-humano precisamente em relação aos bons, e que os *bons* e os justos chamariam

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

de *demônio* o seu super-homem...<sup>xxviii</sup>”. A perspectiva política nietzscheana não se limita a uma filosofia da religião.

A abordagem do filósofo ante o problema do cristianismo transcende a exegese teológica e a filologia da Bíblia ao traçar uma crítica ao absoluto. Em questão, está a ideia de suprassensível, e as suas respectivas consequências metafísicas e ontológicas. Apesar de não ser o propósito desse estudo, olhar heideggeriano acerca da constatação de Nietzsche sobre a morte de Deus ajuda no entendimento desse problema: na leitura de um aforismo de outra obra de Nietzsche, Heidegger observa as consequências mais amplas da conduta<sup>xxix</sup>. A postura ao se deparar com a própria concepção de absoluto sofre uma fissura com essa política. A tarefa de atribuir valor se torna ainda mais complexa, como a instabilidade entre o sobre-humano e o diabólico demonstra.

O destaque se deve ao fato de que essa figura também aparece na obra de Raul Seixas, mas sob outra alcunha. O cantor e compositor se refere ao Diabo em uma das faixas de *Novo Aeon*. Embora tenha havido grande número de interpretações acerca de um presumível satanismo, em crítica ao judaico-cristianismo, nessa música<sup>xxx</sup>, a faixa “Rock do Diabo”<sup>xxxi</sup>, assinada por Paulo Coelho e Raul Seixas, é preta de significações que transcendem a recepção à época da gravação. Explorar esses sentidos é uma tarefa necessária para o entendimento desse álbum e do horizonte da política daquele repertório.

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

**“Avante no nada infinito”: Novo Aeon e a transvaloração de todos os valores**

O álbum *Novo Aeon* oferece a oportunidade para detectar como esse viés mais filosófico de Raul Seixas se articula com a sua atuação política. A faixa “Tente Outra Vez”<sup>xxxii</sup>, que abre o disco, tem um apelo messiânico considerável. Embora explore de maneira lateral a circularidade do tempo<sup>xxxiii</sup> – tema de grande interesse para Nietzsche e de discórdia entre comentaristas<sup>xxxiv</sup> –, a opção deste estudo foi por se concentrar nas canções seguintes além da já mencionada “Rock do Diabo”: “A Maçã”<sup>xxxv</sup>, “Eu Sou Egoísta”<sup>xxxvi</sup> e “Novo Aeon”<sup>xxxvii</sup>. Enquanto a primeira é uma composição de Paulo Coelho, Raul Seixas e Marcelo Motta, a segunda não tem a assinatura do futuro escritor de sucesso internacional. A última, por sua vez, foi composta com Marcelo Motta e Cláudio Roberto.

“Rock do Diabo” é a segunda faixa do disco *Novo Aeon* e sugere, com bom-humor<sup>xxxviii</sup>, atravessamentos a respeito do pensamento social: “Enquanto Freud / Explica as coisas / O diabo fica dando os ‘toque’ / O diabo é o pai do rock!”. A referência ao psicanalista permite uma visão sobre a camada mais reflexiva do álbum. Há uma oposição entre duas dimensões nesse fragmento. À proposta mais explicativa da psicanálise Sigmund Freud se contrapõe a figura alegórica do Diabo, autor de implacáveis insinuações. O trecho recomenda a leitura atenta sobre o interesse dos autores em apresentar a reflexão a propósito da tradição filosófica. A menção ao Diabo naquele contexto, por si só, configura uma provocação: “Me dê um porco

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

vivo / Para eu encher minha pança / Três quilos de alcatra / Com moqueca de esperança / Diabo! O diabo usa capote / É Rock! É Toque! É Forte! / Diabo! Foi ele mesmo / Que me deu o toque”. Depois de fazer referências irônicas a alimentos, que poderiam ser entendidas como oferendas, no fim dessa primeira parte está mais uma alusão ao “toque”, a sugestões diabólicas.

A presença não é arbitrária. A tradição racional no Ocidente se depara com a tentação demoníaca em várias de suas passagens, como no caso do percurso até o *cogito ergo sum* nas meditações metafísicas de cartesianas<sup>xxxix</sup>. Quando se debruça sobre a história da loucura na era clássica, Foucault reconhece a importância dessa figura diabólica tanto para a filosofia quanto na relação com a verdade nesse período na Europa<sup>xl</sup>. Esses são apenas dois exemplos. É lícito, dessa forma, encarar essa citação nas proposições de Raul Seixas a partir da filosofia. Cabe recorrer novamente ao pensamento nietzscheano para se deparar com o demônio.

O aforismo 314 de *A Gaia Ciência* explica melhor o conceito de eterno retorno, central no pensamento de Nietzsche<sup>xli</sup>, e faz outra menção à presença demoníaca – “Se um dia, ou uma noite, um demônio aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão”<sup>xlii</sup>. Em seguida, o filósofo indica como poderia ser a sugestão, ou o toque, dessa figura, agora com desdobramentos éticos: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem”<sup>xliii</sup>. É o juízo realizado a

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

partir dessa provocação que atesta a condição da existência, de acordo com Nietzsche. Caso a reação for declinar, fica evidente a incapacidade de afirmar a vida em todas em suas nuances. Com isso, torna-se flagrante a situação de decadência.

Se a resposta, pelo contrário, for de exortação, está configurada uma inclinação afirmativa ante a realidade. A afirmação da vida permite uma postura mais ativa, o que gera consequências para as opções corriqueiras do cotidiano. Acontece aqui uma aproximação determinante entre Raul Seixas e Nietzsche que “Rock do Diabo” exemplifica, por meio de uma alegoria bem-humorada, no trecho a seguir. “Mamãe disse a Zequinha / Nunca pule aquele muro / Zequinha respondeu: Mamãe aqui tá mais escuro.” Apesar das advertências maternas, o personagem, que só aparece na canção nesses versos, identifica que a ousadia pode ser uma alternativa para superar a conjuntura de escuridão com que convive.

Se essa afirmação da vida tem centralidade em Nietzsche e Raul Seixas, isso possibilita uma visão a respeito das relações interpessoais e das decorrências do oposto – a postura reativa nos relacionamentos. “A Maçã”, faixa que vem após de “Rock do Diabo” em *Novo Aeon*, segue nesse sentido. À primeira vista, chama atenção a perspectiva sobre a religião. O título já faz referência à fruta que simboliza o pecado no Antigo Testamento. O termo “santa” e a dissociação de “alma” e “corpo”, no trecho adiante, ajudam a iniciar essa discussão. “Infinita tua beleza / Como podes ficar presa / Que nem santa num altar? / Quando eu te escolhi / Para morar junto de mim /

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

Eu quis ser tua alma / Ter seu corpo, tudo enfim / Mas compreendi / Que além de dois existem mais / Amor só dura em liberdade”.

Como em *Ecce Homo*, quando Nietzsche sublinha que o seu próprio mérito foi flagrar os atravessamentos da moral cristã na tradição do pensamento ocidental, Raul Seixas identifica o alcance disso para o campo dos relacionamentos. No entanto, o cantor e compositor subverte os valores afetivos: “Se esse amor / Ficar entre nós dois / Vai ser tão pobre amor / Vai se gastar / Se eu te amo e tu me amas / Um amor a dois profana / O amor de todos os mortais”. O que profana o amor não é a noção de pecado ou as rupturas com a moralidade com relação aos dogmas cristãos ou burgueses, vigentes então, para a vida dos casais. Ocorria exatamente o contrário disso.

Restringir isso à intimidade de duas pessoas, sem permitir o compartilhamento mais amplo, seria, isso sim, algo contrário ao próprio amor. A música explora essa esfera em pormenores: “Se eu te amo e tu me amas / E outro vem quando tu chamas / Como poderei te condenar? [...] O ciúme é só vaidade / Sofro, mas eu vou te libertar / O que é que eu quero / Se eu te privo / Do que eu mais venero? / Que é a beleza de deitar”. Logo, o ciúme, sentimento que integra a rotina de muitos relacionamentos, seria uma conduta reativa, inspirada por vaidade. O ato de liberdade, contudo, não é uma frivolidade. A compreensão de que essa é uma condição necessária para que o amor não se esmaieça não é fácil.

A despeito das proximidades, há um ponto de “A Maçã” que afasta Raul Seixas e Nietzsche. Isso ocorre na percepção de que os

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

relacionamentos, e os afetos despertados, seriam similares. As relações são representadas por meio da metáfora da fruta que dá título à canção: “Porque quem gosta de maçã / Irá gostar de todas / Porque todas são iguais”. Não é possível identificar no filósofo alemão registro da identidade em todos os relacionamentos; ocorre, pelo contrário, uma rejeição à equivalência, um elogio à diferença. O conceito de Nietzsche de *amor fati*, presente também em *A Gaia Ciência*<sup>XLIV</sup>, força o distanciamento de Raul Seixas então.

A religião é um motivo explorado também em “Eu Sou Egoísta”. Desde a estrofe inicial, a canção estipula um antagonismo entre dois polos. São utilizadas várias referências que dialogam com a moral cristã: “Se você acha que tem pouca sorte / Se lhe preocupa a doença ou a morte / Se você sente receio do inferno / Do fogo eterno, de Deus, do mal / Eu sou estrela no abismo do espaço / O que eu quero é o que eu penso e o que eu faço / Onde eu tô não há bicho-papão”. Fica estabelecida uma oposição entre o outro reativo, cuja conduta é pautada pelo medo e pela negação de si, e um Eu proeminente, capaz de reafirmar seu querer, seu pensar e seu agir. A composição evidencia o propósito da contraposição – “Eu vou sempre avante no nada infinito / Flamejando meu rock, o meu grito / Minha espada é a guitarra na mão”. A intenção é política, conforme indicam os termos que remetem a batalhas.

Chama atenção a referência ao niilismo, por meio do paradoxo da infinitude do nada, ao mesmo tempo em que ocorre a criação de um sentido nesse cenário, com a palavra “avante”. Levar em consideração o



“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

caráter político da música é determinante, uma vez que desloca a discussão de um campo meramente moral para o de uma interação – ou melhor, de um combate. A descrição dessas duas dimensões opostas prossegue: “Se o que você quer em sua vida é só paz / Muitas doçuras, seu nome em cartaz / E fica arretado se o açúcar demora / E você chora, ‘cê’ reza, ‘cê’ pede implora / Enquanto eu provo sempre o vinagre e o vinho / Eu quero é ter tentação no caminho”. A passagem satiriza o oponente, mas é no verso seguinte que a composição define com mais clareza o que está em disputa. Quando delimita o que é o humano, a defrontação se desvela completamente: “Pois o homem é o exercício que faz”.

A concepção de homem, então, é baseada no movimento, na ação. Ao apresentar isso, a proposição escapa de uma noção essencialista e mesmo transcendente. Depois de pontuar os dois polos em confronto, “Eu Sou Egoísta” situa que é a própria noção de humanidade que está em jogo: em vez de uma defesa da identidade, esse verso explicita algo diferente. O homem aparece como um exercício a ser feito, tanto na experiência de antagônicos – como na figura de linguagem estabelecida na antítese sobre os derivados da uva –, quanto nas provações ao longo da jornada.

Por meio desse jogo entre duas extremidades, o homem-exercício os *transvalora*, para usar um termo do léxico nietzscheano. O contraditório continua a ser explorado: “Eu sei... sei que o mais puro gosto do mel / É apenas defeito do fel / E que a guerra é produto da paz / O que eu como a prato pleno / Bem pode ser o seu veneno / Mas como vai você saber sem tentar?”. O outro, que compõe essa oposição, parece não ser capaz de

"ESTRELA NO ABISMO": A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

qualquer experimentação, por temor. Essa figura, acuada e passiva, aparece para rotular esse Eu ativo. Como resposta, a ironia: "Se você acha o que eu digo fascista / Mista, simplista ou anti-socialista / Eu admito, você tá na pista / Eu sou 'ista', eu sou ego / Eu sou 'ista', eu sou ego / Eu sou egoísta".

A composição ataca a simplificação feita pelo opositor desse Eu, demarcado pela palavra "você", ao simular que se contenta com o adjetivo "fascista". É possível supor que esta seja a parte mais dramática para o entendimento de "Eu Sou Egoísta". Uma leitura precipitada pode encaminhar uma conclusão de que os versos são um elogio ao antissocialismo. Por esse motivo, é necessário recorrer novamente ao pensamento de Nietzsche. Os argumentos acerca do egoísmo em *Crepúsculo dos Ídolos* conferem profundidade à discussão: "O egoísmo vale tanto quanto vale fisiologicamente aquele que o tem: pode valer muito, e pode carecer de valor e ser desprezível. Cada indivíduo pode ser examinado para ver se representa a linha ascendente ou a linha descendente da vida"<sup>XLV</sup>.

O filósofo caracteriza como extraordinário o valor do egoísmo daqueles que desenham ascensão por meio da própria trajetória, ao passo que classifica de parasitas os que adotam uma atitude decadente<sup>XLVI</sup>. Trata-se, portanto, de uma mensuração relativa. No mesmo aforismo, Nietzsche investiga a noção do que é o homem e a maneira como foi tratada até aquele momento na tradição do pensamento ocidental. Existe nesse esforço uma proximidade com a sugestão nas estrofes de homem-

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

exercício de “Eu Sou Egoísta”. “O ‘indivíduo’, tal como o povo e a filosofia até hoje o entenderam, é um erro, afinal: não é nada por si, não é um átomo, um ‘elo da corrente’, nada simplesmente herdado de antigamente – ele é toda a linha ‘ser humano’ até ele mesmo<sup>XLVII</sup>”.

Outra aproximação possível entre Raul Seixas e Nietzsche é um mal-entendido que vincula ambos automaticamente a tendências de extrema-direita. O autor alemão reconsiderou sua aproximação com inclinações antissemitas em textos de maturidade<sup>XLVIII</sup>. A crítica ao absoluto e essa concepção particular de homem, contudo, não evitaram que a obra nietzscheana fosse usada pelo nazismo na Alemanha no século XX<sup>XLIX</sup>. A orientação assumida por quem controlou o espólio nietzscheano após sua morte é apontada como um dos motivos que facilitaram esse uso<sup>L</sup>. No que diz respeito ao músico, o final de “Eu Sou Egoísta” auxilia a desmistificar essa vinculação ao nazifascismo: o verso “Por que não?” é repetido até a décima primeira vez.

Ocorre aí uma citação explícita ao refrão de “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso, cujo engajamento<sup>LI</sup> é analisado por Ridenti<sup>LII</sup>. O compositor, também da Bahia, foi perseguido pela repressão<sup>LIII</sup> e essa canção, que menciona até “guerrilhas”, foi entendida como mensagem cifrada em defesa da resistência ao regime autoritário<sup>LIV</sup>. O compositor de “Alegria, Alegria” foi preso pelo aparelho repressivo do Estado<sup>LV</sup>. O destino do autor de *Novo Aeon* também seria submetido a perseguições. Outro elemento que ajuda a entender a ironia contida na citação ao antissocialismo na

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

canção, ao mesmo tempo que demonstra a estratégia política ali presente, é a trajetória do cantor.

**“Guerra ferrenha”: O confronto perante a ditadura civil-militar**

Após estabelecer uma carreira bem-sucedida como produtor musical, Raul Seixas decidiu se dedicar a trabalhos autorais no começo da década de 1970<sup>LVI</sup>. O artista lançou em 1973 seu disco solo de estreia, *Krig-Ha, Bandolo!*. Apesar do tom provocativo do álbum, foi o plano de lançamento que despertou a atenção da repressão militar. Houve a divulgação de um manifesto, sob a forma de gibi, que apresentava a proposta política do disco. Com o título “A Fundação de Krig-Ha”, a publicação dava instruções sobre como construir um badogue (estilingue), e era composta por uma sequência de artigos<sup>LVI</sup>.

Havia mensagens que foram entendidas como conclamações a um levante popular: “Abram seus olhos. A ironia habita em todas as coisas. As crianças já se levantaram e estão andando pela rua, seu número cresce dia a dia”<sup>LVIII</sup>; “Em todos os cantos do mundo a imaginação cede lugar a uma pseudo-criatividade dirigida unicamente para esta coisa concreta e abstrata chamada Monstro Sist”<sup>LIX</sup>; “Pessoas esmagadas pelas rodas do Monstro Sist antes mesmo de se perguntarem o que está acontecendo. Temos visto também os carrascos, vítimas de um mecanismo do qual já perderam o controle. Mas temos visto focos de luz em alguns cantos”<sup>LX</sup>.

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

Para o lançamento foi promovida uma caminhada pelo Centro do Rio de Janeiro, noticiada pelos principais veículos jornalísticos da época<sup>LXI</sup>. No mesmo ano, Raul Seixas participou da gravação de *O Banquete dos Mendigos*, em apresentação para comemorar os 25 anos da Declaração dos Universal dos Direitos Humanos, realizada com o apoio da Organização das Nações Unidas. Chico Buarque, Milton Nascimento, Paulinho da Viola e Jards Macalé participaram do show<sup>LXII</sup>. O evento foi cercado por agentes de segurança, músicos foram hostilizados e a circulação do disco do show, proibida<sup>LXIII</sup>.

No ano seguinte, foi lançado *Gita*, cuja capa apresenta duas provocações inequívocas ao regime autoritário. A primeira é o selo Sociedade Alternativa, na parte inferior, que se refere ao projeto coletivo, anunciado pelo músico, para refundação social. A segunda é a fotografia escolhida para ilustrar o álbum, em que Raul Seixas aparece com uma boina semelhante a utilizada pelos revolucionários durante a tomada do poder em Cuba. Por sugestão do parceiro e compositor Paulo Coelho, a imagem foi editada para retirar a estrela da frente do quepe e deixar a referência menos evidente<sup>LXIV</sup>. A mudança não foi suficiente para evitar a prisão pelo aparelho repressivo.

Era um período em que a perseguição a todos os opositores da ditadura civil-militar se acentuou, fosse na guerrilha urbana<sup>LXV</sup>, fosse na resistência armada em ambiente rural<sup>LXVI</sup>. Os fatos confirmavam que a oposição instituída então não dava conta de impor obstáculos ao arbítrio então perpetrado. No campo das artes, a censura e a aplicação de sevícias

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

eram dois mecanismos para inibir denúncias sociais<sup>LXVII</sup>. O caso de Raul Seixas se insere nesse contexto. Relatos memorialísticos e pesquisas históricas dão conta de que foi em 1974 que o cantor e o seu parceiro, Paulo Coelho, foram torturados pelo regime<sup>LXVIII</sup>. Medeiros, por outro lado, sustenta que apenas Coelho foi submetido a tortura do aparelho repressor<sup>LXIX</sup>.

Contudo, não há dúvidas de que o aparato censor do Estado investiu contra a sua obra. Foram impedidas de serem reproduzidas canções como “Rinoceronte III”, “Murungando” e “Óculosescuro”. A letra de “Óculosescuro” apresenta indícios decisivos a respeito da estratégia de confrontação empreendida por Raul Seixas contra a ditadura nesse período. Consta nos arquivos da censura do Governo Federal a versão proibida da canção, que apenas pôde ser escutada sob outro título, “Como Vovó Já Dizia”<sup>LXX</sup>. A faixa censurada foi composta em parceria com Paulo Coelho. A primeira estrofe é assinalada por metáforas com relação à claridade: “Esta luz tá muito forte, tenho medo de cegar / Os meus olhos tão manchados com teus raios do luar / Eu deixei a vela acesa para a bruxa não voltar! / Acendi a luz de dia para a noite não chiar / Já bebi daquela água, quero agora vomitar”.

O fragmento reitera as figuras de linguagem que demarcam a contraposição. De um lado “luz”, no campo semântico da luminosidade; do outro “cegar”, que se aproxima da escuridão. Em oposição à palavra “vela”, termo mais próximo do sagrado, está “bruxa”, ligada ao profano. Por fim, a diferença entre “dia” e “noite” é indiscutível. Os versos em seguida fazem alusão mais direta ao que é chamado neste trabalho de estratégia política: “Uma vez a gente aceita, duas tem que reclamar / A serpente está na Terra,

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

o programa está no ar / Vim de longe, de outra Terra, prá morder teu calcanhar / Esta noite eu tive um sonho, eu queria me matar / Tudo tá a mesma coisa, cada coisa em seu lugar”. Ocorre mais uma referência a personagens bíblicas, com a menção à serpente. O animal exerce uma função primordial em *Assim Falou Zaratustra*, livro de Nietzsche entendido como a tragédia que melhor sintetiza seus conceitos<sup>LXXI</sup>. No entanto, o teor político no excerto é ainda mais incisivo. É permitido observar a descrição ao mesmo tempo da insistência, com a expressão coloquial “morder seu calcanhar”, de um ambiente sombrio e de uma desmistificação dos progressos difundidos pelas autoridades.

No fim da canção, é possível notar o empenho para ilustrar o panorama do Brasil: “Com dois galos, a galinha não tem tempo de chocar / Tanto pé na nossa frente que não sabe como andar / Quem não tem colírio, usa óculos escuro / Quem não tem papel, dá recado pelo muro / Quem não tem presente, acredita no futuro”. Ironicamente, a música resgata as pichações que pediam a queda da ditadura civil-militar. Há um elogio à vivência do que acontece no momento, em detrimento de promessas futuras. A afirmação de si exigiria não desistir de usufruir da capacidade de levar a cabo todas as possibilidades. É interessante observar a crítica ao otimismo, euforia que ocupa um espaço central para a reafirmação daquele regime, de acordo com Fico<sup>LXXII</sup>.

Com *Novo Aeon*, Raul Seixas vem a público depois de todo o processo de perseguição. Apesar de coagido, o cantor e compositor manteve a atitude altiva. É imprescindível enxergar as faixas ali presentes,

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

bem como a sua reunião no disco, a partir dessa ótica. A opção por enaltecer o egoísmo está pertence a esse horizonte. Diante de condições adversas para manifestações políticas contra a ditadura civil-militar, a estratégia traçada por Raul Seixas reafirma o potencial do Eu para a transformação da realidade. Em detrimento da passividade, o disco destaca a necessidade de uma atitude capaz de afirmar a vida em todas as suas nuances. O homem-exercício, em movimento e em ação, não é alicerçado em aspectos essenciais. Tampouco esse Eu é herdado, em uma linha sucessiva rumo ao progresso. A oposição fundamental é a que contrapõe essa conduta ativa ao pensamento pautado pela moral religiosa, em especial a cristã.

Não se trata de um embate entre duas dimensões ideais. O conflito se dá na prática: é a interação entre a própria trajetória pessoal de Raul Seixas e a inclinação religiosa que dava sustentação ao regime autoritário. Delinear a configuração dessa influência desde a ascensão do grupo que chegou ao controle do Estado, mesmo que brevemente, é, por isso, necessário. Já no governo do presidente João Goulart, o reavivamento da moral cristã foi uma orientação assumida pela oposição para incentivar a ruptura política<sup>LXXIII</sup>. A reboque, foram incentivados o anticomunismo e a vinculação de Jango ao “perigo vermelho<sup>LXXIV</sup>”.

Atos como os organizados pelo movimento Tradição, Família e Propriedade foram determinantes para apoiar o golpe em 1964. As manifestações tinham forte apelo para a religião e reuniam importantes lideranças cristãs<sup>LXXV</sup>. Ao lado da sustentação oferecida pelos empresários



“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

responsáveis por financiar a ofensiva antidemocrática e dos militares encarregados de intimidar e apresentar o poder bélico do novo governo, os líderes religiosos também constituíram um dos pilares para a instauração do período repressivo. Mesmo representantes da Igreja Católica que posteriormente demonstrariam proximidades com o campo político da esquerda também se alinharam à extrema-direita para o golpe<sup>LXXVI</sup>.

Reimão aborda a tendência moralista da ditadura. Ao se debruçar sobre o comportamento da censura com obras literárias banidas pelo regime, identifica que a atividade dos censores estava concentrada em aspectos ligados aos costumes<sup>LXXVII</sup>. A censura advinha, em vários episódios, de denúncias contra conteúdos considerados atentatórios à família<sup>LXXVIII</sup>. A cultura popular sofreu com a coação em várias áreas: até programas de apelo popular, na televisão brasileira, sofreram com cerceamentos desse nível na década de 1970<sup>LXXIX</sup>.

### **“Minha espada é a guitarra na mão”: considerações finais**

A composição que confere o nome do álbum é a mais significativa para compreender a execução dessa tarefa política em *Novo Aeon*. A canção-manifesto, ao contrário de “Óculosescuro”, foi registrada na versão pública do disco. A faixa sintetiza efetividade do confronto contra todas as nuances repressivas àquela altura: “O sol da noite agora está nascendo / Alguma coisa está acontecendo / Não dá no rádio nem está / Nas bancas de jornais / Em cada dia ou qualquer lugar / Um larga a fábrica, outro sai do

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

lar / E até as mulheres, ditas escravas / Já não querem servir mais”. A mudança estaria em curso e até a questão de gênero estava em disputa.

Isso reforça o caráter subversivo, diante do Brasil da década de 1970, da política de Raul Seixas. Principalmente quando observados fundamentos cristãos, que ofereciam sustentação à ditadura civil-militar. A composição volta a recorrer a figuras edênicas para evidenciar essa subversão – “Ao som da flauta / Da mãe serpente / No para-inferno / De Adão na gente / Dança o bebê / Uma dança bem diferente / O vento voa e varre as velhas ruas / Capim silvestre racha as pedras nuas / Encobre asfaltos que guardavam / Histórias terríveis.” “Novo Aeon” retoma a crítica à moral burguesa e defende a alteridade: “Já não há mais culpado / Nem inocente / Cada pessoa ou coisa é diferente / Já que assim, baseado em que / Você pune quem não é você?”.

A visão coletiva novamente merece destaque nos versos. Tão cara a Nietzsche, a vontade é o elemento capaz de congrega essa proposta comunitária. “Querer o meu / Não é roubar o seu / Pois o que eu quero / É só função de Eu / Sociedade Alternativa / Sociedade Novo Aeon / É um sapato em cada pé / É direito de ser ateu / Ou de ter fé”, indicam os autores. As expressões Sociedade Alternativa e Novo Aeon se assemelham e operam quase como sinônimos ao simbolizar o projeto político coletivo de Raul Seixas. Embora não haja uma crítica às religiões em geral, a canção se opõe ao sacrifício, ao martírio e, portanto, à iconografia da cristandade: “Ter prato entupido de comida / Que você mais gosta / É ser carregado, ou carregar /

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

Gente nas costas / Direito de ter riso e de prazer / E até direito de deixar Jesus sofrer”.

A contraposição que Raul Seixas traça contra a moral cristã assume uma inclinação similar a proposta da política de Nietzsche, principalmente em *Ecce Homo*. Ambos não estão restritos à cristandade. As proposições se levantam contra o ideal de absoluto: a maneira como enfrentam a forma-deus, tão imponente para a moralidade estabelecida, representa isso. No Brasil da década de 1970, a conduta serviu para o combate ao autoritarismo. As provocações em *Novo Aeon* representam um momento crítico da canção popular, em alguns dos instantes de mais violência política no Brasil. Muitos registros indicam que, com o disco, a carreira de Raul Seixas se depara com uma ruptura.

A parceria com Paulo Coelho arrefece, outros companheiros se aproximam e a carreira do músico assume outras inclinações<sup>LXXX</sup>. As ressignificações da filosofia nietzscheana atingem em *Novo Aeon* o ápice. Não seria pertinente tratar a totalidade da obra como um bloco monolítico por conta dessas diferentes fases, com parcerias distintas em composições. Raul Seixas se mantém como um cronista atento da vida pública brasileira. Por isso mesmo, temas e abordagens mudaram perante as transformações políticas do país. O disco mencionado precipita as tensões política daquele instante, sob ecos nietzscheanos nítidos.

Raul Seixas defende o seu pensamento como um porta-voz filosófico em *Novo Aeon*. Atravessada pela ironia, sua verve poucas vezes é entendida propriamente como filosofia. Entretanto, a articulação de conceitos

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

filosóficos com a cultura popular é um elemento inescapável de sua carreira. A intenção deste trabalho foi justamente explorar os desdobramentos dessas noções nas canções, sem entender a relação com o pensamento do autor alemão como uma transmissão linear ou estabelecer uma hierarquia entre os dois. O estudo tem, por fim, o intuito de adotar uma perspectiva transversal que aproxime áreas aparentemente mais distantes, como a Filosofia, a História e os Estudos Culturais.

## Notas

<sup>I</sup> SEIXAS, Raul. O baú do Raul: o diário pessoal e escritos inéditos do maior mito do rock brasileiro. Org. Tárík de Souza. São Paulo: Editora Globo, 1992.

<sup>II</sup> FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. 1964: O Golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

<sup>III</sup> HERBERT NETO, Helcio. “A gente ainda nem começou”: Crepúsculo dos Ídolos, Krig-Ha, Bandolo! e o prenúncio de uma nova filosofia. In: VI JORNADA DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. *Anais...* Caxias do Sul, 2020, p. 1 – 14.

<sup>IV</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo – Como Alguém se Torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>V</sup> HERBERT NETO, Helcio. Mittel, Foucault e Nietzsche – Cultura, Genealogia e História. *Revista Aproximação*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 19–36, 2019.

HERBERT NETO, Helcio. Programas esportivos de mesa redonda: a questão da autoridade em pauta no gênero. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

<sup>VI</sup> HERBERT NETO, Helcio. *Dansa Dyonisiaca: futebol brasileiro, Dionísio nietzscheano*. *Cadernos Nietzsche*. Guarulhos/Porto Seguro, v.42, n.3, setembro/dezembro, 2021, p. 69–88.

<sup>VII</sup> HOLLINGDALE, R.J.. *Nietzsche: uma biografia*. São Paulo: Edipro, 2015; FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

<sup>VIII</sup> MEDEIROS, Jotabê. *Raul Seixas: Não diga que a canção está perdida*. São Paulo: Todavia, 2019.

<sup>IX</sup> *Ibidem*.

<sup>X</sup> *Ibidem*.

<sup>XI</sup> MORAIS, Fernando. *O Mago*. São Paulo: Planeta, 2008.

<sup>XII</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia – ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

- 
- <sup>xiii</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra: Um Livro Para Todos e Para Ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.
- <sup>xiv</sup> SAFATLE, Vladimir. Nietzsche e a ironia em música. In: *Cadernos Nietzsche*. São Paulo (Unifesp), 2006, n 21, p. 7 - 28.
- <sup>xv</sup> FRIEDLANDER, PAUL. *Rock and Roll: Uma História Social*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.
- <sup>xvi</sup> NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: A História depois do Papel. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005, p. 235-290.
- <sup>xvii</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo – Como Alguém se Torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 117.
- <sup>xviii</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo – Como Alguém se Torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 110.
- <sup>xix</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo – Como Alguém se Torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 109-118.
- <sup>xx</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo – Como Alguém se Torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 110, grifos do autor.
- <sup>xxi</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo – Como Alguém se Torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 115, grifos do autor.
- <sup>xxii</sup> *Ibidem*, grifos do autor.
- <sup>xxiii</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo – Como Alguém se Torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 114, grifos do autor.
- <sup>xxiv</sup> *Ibidem*.
- <sup>xxv</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo – Como Alguém se Torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 109.
- <sup>xxvi</sup> *Ibidem*.
- <sup>xxvii</sup> *Ibidem*.
- <sup>xxviii</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo – Como Alguém se Torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 113.
- <sup>xxix</sup> HEIDEGGER, Martin. A palavra de Nietzsche “Deus morreu”. In HEIDEGGER, Martin. *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- <sup>xxx</sup> SANTOS, Vitor Cei. *Novo Aeon – Raul Seixas no Torvelinho do Tempo*. Itabuna: Editora Mondrongo, 2018.
- <sup>xxxi</sup> “Rock do Diabo” (Raul Seixas, Paulo Coelho). Raul Seixas. LP *Novo Aeon*, 1975.
- <sup>xxxii</sup> “Tente Outra Vez” (Raul Seixas, Paulo Coelho). Raul Seixas. LP *Novo Aeon*, 1975.
- <sup>xxxiii</sup> KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche e o Círculo Vicioso*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.
- <sup>xxxiv</sup> Deleuze, por exemplo, propõe uma perspectiva diametralmente oposta à de Heidegger, registrada por Safranski. DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: N-1 Edições, 2018; SAFRANSKI, Rudiger. *Heidegger – Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial, 2005.
- <sup>xxxv</sup> “A Maçã” (Raul Seixas, Paulo Coelho, Marcelo Motta). Raul Seixas. LP *Novo Aeon*, 1975.
- <sup>xxxvi</sup> “Eu Sou Egoísta” (Raul Seixas). Raul Seixas. LP *Novo Aeon*, 1975.
- <sup>xxxvii</sup> “Novo Aeon” (Raul Seixas, Marcelo Motta, Cláudio Roberto). Raul Seixas. LP *Novo Aeon*, 1975.

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

- xxxviii A relação entre política, cultura popular e humor é bem aprofundada por Bakhtin. A vinculação entre o riso bakhtiniano e Nietzsche é bem explorada por Brito: BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Mérida e no Renascimento – O Contexto de François Rabelais. São Paulo: Editora Hucitec, 2010; BRITO, Fabiano Lemos. Nietzsche Coprófago. Argumentos. Fortaleza, Ano 11, n. 21, jan./jun. 2019, p. 37-57.
- xxxix DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- xl FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- xli NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- xlii NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 230.
- xliii *Ibidem*.
- xliv *Ibidem*.
- xlv NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos – ou como se filosofa com o martelo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 82.
- xlvi NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos – ou como se filosofa com o martelo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 83.
- xlvii *Ibidem*.
- xlviii Brito e Lebrun fragmentam a obra de Nietzsche com o propósito de identificar discontinuidades. O primeiro se volta para os textos de juventude e sua aproximação com o germanismo mais intenso; o segundo se preocupa com as diferentes fisionomias que o conceito de Dionísio assume na filosofia do autor ao longo do tempo. BRITO, Fabiano Lemos. *O Ofício da Origem: uma leitura de Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino de Nietzsche*. Curitiba: Kottler Editorial, 2016; LEBRUN, Gerard. “Quem era Dioniso?”. LEBRUN, Gerard. *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosac Naif, 2006, p. 355-378.
- xlix LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *O Mito Nazista*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- l Hollingdale, R.J.. *Nietzsche: uma biografia*. São Paulo: Edipro, 2015.
- li Raul Seixas é da mesma geração de Caetano Veloso, mas não é foco de Ridenti em suas pesquisas sobre brasilidade revolucionária.
- lii RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à Era da TV*. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.
- liii O regime iniciado em 1964 passa por diferentes períodos, em que a violência política está sujeita a mudanças. Um exemplo dessas diferenças é a década de 1980. HERBERT NETO, Helcio. *Toque de Bola e Constituição Cidadã: o debate sobre o Campeonato Brasileiro de 1988 no gênero das mesas redondas esportivas na televisão*. Revista Brasileira de História da Mídia. São Paulo, v. 11, n. 1, jan./jun. 2022, p. 238- 255.
- liv MAGALHÃES, Mário. *Marighella: O Guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 235.
- lv VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 237.
- lvi MEDEIROS, Jotabê. *Raul Seixas: Não diga que a canção está perdida*. São Paulo: Todavia, 2019.

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

- 
- LVII SANTOS, Paulo dos. Raul Seixas – A Mosca na Sopa da Ditadura Militar (1973-1974). São Paulo: Scortecci Editora, 2014.
- LVIII SANTOS, Paulo dos. Raul Seixas – A Mosca na Sopa da Ditadura Militar (1973-1974). São Paulo: Scortecci Editora, 2014, p. 159.
- LIX SANTOS, Paulo dos. Raul Seixas – A Mosca na Sopa da Ditadura Militar (1973-1974). São Paulo: Scortecci Editora, 2014, p. 160.
- LX SANTOS, Paulo dos. Raul Seixas – A Mosca na Sopa da Ditadura Militar (1973-1974). São Paulo: Scortecci Editora, 2014, p. 161.
- LXI SANTOS, Paulo dos. Raul Seixas – A Mosca na Sopa da Ditadura Militar (1973-1974). São Paulo: Scortecci Editora, 2014, p. 97.
- LXII HERBERT NETO, Helcio. Conte comigo: Flamengo e democracia. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022, p. 61.
- LXIII MEDEIROS, Jotabê. Raul Seixas: Não diga que a canção está perdida. São Paulo: Todavia, 2019, p. 197.
- LXIV MORAIS, Fernando. O Mago. São Paulo: Planeta, 2008.
- LXV PAIVA, Marcelo Rubens. Eu Ainda Estou Aqui. São Paulo: Alfaguara, 2015.
- LXVI MORAIS, Tais; SILVA, Eumano. Operação Araguaia: Os arquivos secretos da guerrilha. São Paulo: Geração Editorial, 2012.
- LXVII MOTTA, Nelson. Noites Tropicais: Solos, Improvisos e Memórias Musicais. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- LXVIII MORAIS, Fernando. O Mago. São Paulo: Planeta, 2008, p.318; MEDEIROS, Jotabê. Raul Seixas: Não diga que a canção está perdida. São Paulo: Todavia, 2019, p. 133.
- LXIX MEDEIROS, Jotabê. Raul Seixas: Não diga que a canção está perdida. São Paulo: Todavia, 2019.
- LXX SANTOS, Paulo dos. Raul Seixas – A Mosca na Sopa da Ditadura Militar (1973-1974). São Paulo: Scortecci Editora, 2014.
- LXXI MACHADO, Roberto. O Nascimento do Trágico – De Schiller a Nietzsche. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006; MACHADO, Roberto. Zarathustra, Tragédia Nietzscheana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- LXXII FICO, Carlos. Como eles agiam – Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2001.
- LXXIII DREIFUSS, René Armand. 1964 – A Conquista do Estado: Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Editora Vozes, 1981, p. 190.
- LXXIV DREIFUSS, René Armand. 1964 – A Conquista do Estado: Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Editora Vozes, 1981, p. 135
- LXXV DREIFUSS, René Armand. 1964 – A Conquista do Estado: Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Editora Vozes, 1981, p. 254.
- LXXVI *Ibidem*.
- LXXVII REIMÃO, Sandra. Repressão e Resistência – Censura a Livros na Ditadura Militar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- LXXVIII KUSHNIR, Beatriz. Cães de Guarda – Jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.
- LXXIX HERBERT NETO, Helcio. Toque de Bola e Constituição Cidadã: o debate sobre o Campeonato Brasileiro de 1988 no gênero das mesas redondas esportivas na
- Estudos do Tempo Presente, vol. 15, n. 02, p. 137-179, dez. 2024. <http://www.seer.ufr.br/index.php/tempo>  
DOI: <https://doi.org/10.33662/ctp.v15i2.22346>

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

televisão. Revista Brasileira de História da Mídia. São Paulo, v. 11, n. 1, jan./jun. 2022, p. 238-255.

LXXX MORAIS, Fernando. O Mago. São Paulo: Planeta, 2008; MEDEIROS, Jotabê. Raul Seixas: Não diga que a canção está perdida. São Paulo: Todavia, 2019.

## REFERÊNCIAS

### Discos de Raul Seixas:

SEIXAS, Raul. Krig-Ha, Bandolo!. Rio de Janeiro: Philips, 1973. Disponível em: <http://abre.ai/bkVI>. Acesso em 15 de julho de 2020.

SEIXAS, Raul. Gita. Rio de Janeiro: Philips, 1974. Disponível em: <http://abre.ai/bkVt>. Acesso em 15 de julho de 2020.

SEIXAS, Raul. Novo Aeon. Rio de Janeiro, Philips, 1975. Disponível em: <http://abre.ai/bkVA>. Acesso em 15 de julho de 2020.

### Livros de Nietzsche:

NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falou Zaratustra: Um Livro Para Todos e Para Ninguém. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos Ídolos – ou como se filosofa com o martelo. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. Ecce Homo – Como Alguém se Torna o que é. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. O Caso Wagner e Nietzsche contra Wagner. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. O Nascimento da Tragédia – ou Helenismo e Pessimismo. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

### Bibliografia:

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Mérida e no Renascimento – O Contexto de François Rabelais. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.  
Cadernos do Tempo Presente vol. 15, n. 02, p. 137-171 jul. dez. 2024. <http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo>  
DOI: <https://doi.org/10.33662/ctp.v15i2.22346>



“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

---

- BRITO, Fabiano Lemos. Nietzsche Coprófago. Argumentos. Fortaleza, Ano 11, n. 21, jan./jun. 2019, p. 37-57.
- BRITO, Fabiano Lemos. O Ofício da Origem: uma leitura de Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino de Nietzsche. Curitiba: Kottler Editorial, 2016.
- DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- DESCARTES, René. Meditações Metafísicas. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DREIFUSS, René Armand. 1964 – A Conquista do Estado: Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.
- FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. 1964: O Golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- FICO, Carlos. Como eles agiam – Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2001.
- FICO, Carlos. Reinventando o otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- FOUCAULT, Michel. História da Loucura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- FRIEDLANDER, PAUL. Rock and Roll: Uma História Social. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. A palavra de Nietzsche “Deus morreu”. In HEIDEGGER, Martin. Caminhos de Floresta. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- HERBERT NETO, Helcio. “A gente ainda nem começou”: Crepúsculo dos Ídolos, Krig-Ha, Bandolo! e o prenúncio de uma nova filosofia. In: VI JORNADA DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. *Anais...* Caxias do Sul, 2020, p. 1 – 14
- HERBERT NETO, Helcio. “Choose life”: Futebol como subversão no cinema, entre Trainspotting e T2. In Boletim do Tempo Presente. Aracaju, vol. 10, n. 03, 2021, p. 54 – 68.
- HERBERT NETO, Helcio. Conte comigo: Flamengo e democracia. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.
- HERBERT NETO, Helcio. Dansa Dyonisiaca: futebol brasileiro, Dionísio nietzscheano. Cadernos Nietzsche. Guarulhos/Porto Seguro, v.42, n.3, setembro/dezembro, 2021, p. 69-88.

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

---

HERBERT NETO, Helcio. Grande Resenha Facit e udenismo: uma análise sobre partidarismo no gênero televisivo das mesas redondas no Brasil entre 1966 e 1967. In: *Cadernos de História*. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, 2021, p. 61 – 79.

HERBERT NETO, Helcio. *Jogo de Palavras: uma história comparada do comentário esportivo a partir de Resenha Esportiva da Rádio Nacional, na década de 1940, e de Grande Resenha Esportiva Facit, nos anos 1960*. Tese de doutorado (História Comparada). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

HERBERT NETO, Helcio. Mittel, Foucault e Nietzsche – Cultura, Genealogia e História. *Revista Aproximação*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 19–36, 2019.

HERBERT NETO, Helcio. *Programas esportivos de mesa redonda: a questão da autoridade em pauta no gênero*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

HERBERT NETO, Helcio. Tanto a comentar: método comparado e os comentaristas esportivos no Brasil. In: XIII SIMPÓSIO DE HISTÓRIA COMPARADA. In: *Anais...* Rio de Janeiro, p. 106 – 123, 2019.

HERBERT NETO, Helcio. Toque de Bola e Constituição Cidadã: o debate sobre o Campeonato Brasileiro de 1988 no gênero das mesas redondas esportivas na televisão. *Revista Brasileira de História da Mídia*. São Paulo, v. 11, n. 1, jan./jun. 2022, p. 238– 255.

HOLLINGDALE, R.J.. *Nietzsche: uma biografia*. São Paulo: Edipro, 2015.

KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche e o Círculo Vicioso*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda – Jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *O Mito Nazista*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

LEBRUN, Gerard. “Quem era Dioniso?”. LEBRUN, Gerard. *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosac Naif, 2006, p. 355–378.

MACHADO, Roberto. *O Nascimento do Trágico – De Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

MACHADO, Roberto. *Zaratustra, Tragédia Nietzscheana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella: O Guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

“ESTRELA NO ABISMO”: A POLÍTICA NIETZSCHEANA DE NOVO AEON NO CONFRONTO DE  
RAUL SEIXAS COM A DITADURA CIVIL-MILITAR  
NETO, H. H.

---

- MEDEIROS, Jotabê. Raul Seixas: Não diga que a canção está perdida. São Paulo: Todavia, 2019.
- MORAIS, Fernando. O Mago. São Paulo: Planeta, 2008.
- MORAIS, Tais; SILVA, Eumano. Operação Araguaia: Os arquivos secretos da guerrilha. São Paulo: Geração Editorial, 2012.
- MOTTA, Nelson. Noites Tropicais: Solos, Improvisos e Memórias Musicais. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: A História depois do Papel. In: PINSKY, Carla B. (org.). Fontes históricas. São Paulo: Ed. Contexto, 2005, p. 235-290.
- PAIVA, Marcelo Rubens. Eu Ainda Estou Aqui. São Paulo: Alfaguara, 2015.
- REIMÃO, Sandra. Repressão e Resistência – Censura a Livros na Ditadura Militar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- RIDENTI, Marcelo. Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à Era da TV. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.
- SAFATLE, Vladimir. Nietzsche e a ironia em música. In: Cadernos Nietzsche. São Paulo (Unifesp), 2006, n 21, p. 7 - 28.
- SAFRANSKI, Rudiger. Heidegger – Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. São Paulo: Geração Editorial, 2005.
- SANTOS, Paulo dos. Raul Seixas – A Mosca na Sopa da Ditadura Militar (1973-1974). São Paulo: Scortecci Editora, 2014.
- SANTOS, Vitor Cei. Novo Aeon – Raul Seixas no Torvelinho do Tempo. Itabuna: Editora Mondrongo, 2018.
- SEIXAS, Raul. O baú do Raul: o diário pessoal e escritos inéditos do maior mito do rock brasileiro. Org. Tárík de Souza. São Paulo: Editora Globo, 1992.
- VELOSO, Caetano. Verdade Tropical. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.